

FRANCISCO MANUEL
DE FREITAS GOMES

O FIM DO OCIDENTE?

alma
dos
livros

*Para os meus pais,
Fernanda e Bonifácio,
com quem aprendi,
entre muitas outras lições,
que nada do que existe neste mundo
paga o preço do privilégio
de se pertencer a si mesmo.*

«O mundo ocidental perdeu a sua coragem cívica,
e tal declínio é especialmente notório
na elite política e intelectual.»

ALEKSANDR SOLZHENITSYN

«É tolo aquele que erra o alvo e culpa o arco,
ao invés de corrigir a mira.»

SUN TZU

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i> – Um Novo Amanhecer	15
PRIMEIRA PARTE	
COMO É QUE CHEGAMOS A ESTE PONTO?	23
<i>Um</i> – Difusão do Conhecimento Ocidental.....	25
<i>Dois</i> – Viagens, Comunicações e Desmonetização	33
<i>Três</i> – Guerras Suicidas	39
<i>Quatro</i> – Erros Estratégicos.....	49
<i>Cinco</i> – Perda de Valores Fundamentais	63
<i>Seis</i> – Cegueira das Elites Intelectuais e Políticas	71
SEGUNDA PARTE	
O OCIDENTE À BEIRA DO PERIGO	77
<i>Um</i> – Riscos Internos	79
<i>Dois</i> – Riscos Externos	83

TERCEIRA PARTE

UMA RENOVADA POLÍTICA EXTERNA	99
<i>Um</i> – Realismo	101
<i>Dois</i> – Minimalismo.....	119
<i>Três</i> – Multilateralismo.....	129
<i>Conclusão</i> – Antes que a Janela se Feche	139
Obras Publicadas pelo Autor	149

PREFÁCIO

1. É com muito gosto que presto este testemunho no quadro da apresentação do novo livro de Francisco Gomes, intitulado *O Fim do Ocidente? Os Estados Unidos, a Europa e o Resto do Mundo numa Nova Era Global*. Faço-o pelo autor e pela obra.

O autor é um madeirense de gema, um profissional experiente, um estudioso exemplar, um especialista em áreas tão relevantes quanto a ciência política e a comunicação, um cidadão que deu já vários anos da sua vida e do seu conhecimento à actividade política, quer como Deputado na Assembleia da República, quer como parlamentar na Assembleia Legislativa da Madeira.

Em todos os lugares por onde passou e em todos os cargos que exerceu, Francisco Gomes deixou sempre uma marca indelével — a marca da cidadania, alicerçada num trabalho de carácter, de competência e enorme profissionalismo. Merece, por isso, estima e admiração.

Há, porém, na vida do autor, uma área que ainda merece um destaque mais especial — a sua vocação pela escrita, a sua paixão pelos livros, o seu entusiasmo pela opinião. É autor de doze livros e de várias centenas de artigos publicados. Textos tão amplos e tão diversificados, que vão desde a Madeira e a social-democracia

até à política externa e à dimensão atlântica de Portugal. Trata-se de alguém que gosta de reflectir, que não foge ao risco de expor publicamente o seu pensamento, que aprecia contribuir para o debate cívico e a discussão política, cultural e social. Uma pessoa assim, sem preconceitos nem complexos, com generosidade e altruísmo, dotada de pensamento firme e estruturado, merece o nosso acolhimento e a nossa gratidão.

2. Este último livro de Francisco Gomes é especialmente actual e pertinente. Vivemos hoje no mundo global uma situação especialmente atípica. Terminada que foi a Guerra Fria, no final do século passado, foram-nos prometidas três coisas: paz, segurança e estabilidade. Poucos anos volvidos, já sem Guerra Fria, o que temos afinal?

Por um lado, instabilidade, incerteza e insegurança, sentimentos que desafiam o nosso quotidiano e realidades que fazem despontar novas angústias e preocupações à escala planetária.

Por outro lado, a inquietante queda do multilateralismo, uma das maiores conquistas políticas e civilizacionais das últimas décadas, o que se constata, designadamente, na ausência de eficazes instâncias internacionais de regulação, como o G7 ou o G20, ou na impotência de organizações tão relevantes como as Nações Unidas, a ponto de ser mais apropriado falar-se hoje na emergência do fenómeno do G0.

Outrossim, a crescente perda de influência do mundo ocidental, seja dos EUA, seja da Europa, e a sua crescente dificuldade em lidar com as novas realidades emergentes como a China, as novas tentações imperialistas vindas da Rússia ou as crises regionais que vão despontando sem intermediação atempada, sem liderança eficaz e sem visão estratégica adequada.

E, finalmente — apenas para sintetizar as preocupações mais sérias e sensíveis —, a crise de valores que assola esta nova era

global, seja através dos populismos que se multiplicam, seja mediante as desigualdades sociais que se agravam de forma perigosa, seja pela perda de qualidade que cada vez afecta mais as nossas democracias, num negacionismo cívico e de cidadania que não pode deixar de inquietar as nossas consciências.

Neste quadro de dúvidas, ansiedades e interrogações, este livro de Francisco Gomes é uma reflexão útil e necessária. Vem no momento certo. Com a intensidade analítica que se impõe. A desafiar a nossa reflexão individual e colectiva. Não podia ser mais oportuno. Bem-haja, caro Francisco Gomes.

Luís Marques Mendes

Introdução

UM NOVO AMANHECER

Em 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, Albert Camus trouxe-nos a história de Bernard Rieux, um médico na cidade de Orão, na Argélia, que, certo dia, à saída do seu escritório, tropeça num rato morto, deitado no pátio. Perante a situação, previne o porteiro, e, apesar de considerar que se trata de uma descoberta insólita, não lhe presta atenção.

A sua atitude muda quando, na manhã seguinte, descobre mais três ratos mortos. Face a isso, o mesmo porteiro garante-lhe que tudo não passa de uma brincadeira das crianças das redondezas, mas, nos dias seguintes, a quantidade crescente de ratos mortos encontrados por toda a cidade e um aumento espantoso no número de pessoas com inchaços, erupções cutâneas e delírio, culminando em morte num espaço de quarenta e oito horas, não deixam quaisquer dúvidas a Bernard de que Orão estava perante a ameaça de uma epidemia.

A certo ponto, num diálogo com um colega mais velho, Bernard vê as suas suspeitas confirmadas, porém é também informado pelo seu amigo mais experiente de que as autoridades locais negarão a verdade enquanto for possível, alegando que a cidade já não vive na Idade Média, que as epidemias já não existem e que

os médicos não devem ser alarmistas. Mesmo assim, quando a doença se instala definitivamente na comunidade, ceifando vida atrás de vida, o problema teve de ser enfrentado e o nome que lhe foi dado foi muito simples: a peste.¹

Apesar de ser um romance sobre o horror, a sobrevivência e a resiliência do ser humano, que consagrou Camus, em definitivo, como um dos autores fundamentais da literatura moderna, *A Peste* também oferece uma lição crucial para uma análise eficaz da política internacional, nomeadamente, a de que negar os factos não os muda. No contexto do actual relacionamento entre os estados, tal lição nunca foi tão válida.

Nestas primeiras duas décadas do século XXI, tem-se tornado evidente que a comunidade mundial está a alinhar-se segundo uma nova ordem global na qual o Ocidente não é mais a civilização dominante. Aliás, a previsão feita no início de 2021 de que, antes do final da década, a China será a economia mais dominante do planeta é a inegável evidência de que os Estados Unidos e os demais países do G7 (Alemanha, Canadá, França, Itália, Japão e Reino Unido) não são mais os blocos de referência do contexto internacional.²

Esta constatação tem vindo a ser reforçada por vários estudos realizados por economistas conceituados, os quais sugerem que, ao contrário do que se vinha a passar até há relativamente pouco tempo, quando muito do crescimento mundial pertencia às economias do G7, nas últimas duas décadas, houve uma inversão desta relação. Em 2015, foi atingido o ponto de inflexão, e, pela primeira vez, os estados emergentes do E7 (Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Rússia e Turquia) ultrapassaram

¹ Ver, por exemplo: CAMUS, Albert (2016), *A Peste*, Lisboa: Livros do Brasil.

² Ver, por exemplo: GLENN, John (2017), *China's Challenge to US Supremacy*, Londres: Palgrave Macmillan; MAHBOUBANI, Kishore (2020), *A China Já Ganhou?*, Lisboa: Bertrand Editora.

as economias mais reconhecidas. Nesse preciso ano, os E7 representaram cerca de trinta e seis por cento do crescimento mundial, ao invés dos países do G7, que contribuíram com apenas cerca de trinta e dois por cento.

A juntar a isto, os números também sugerem que, desde então, a perda de preponderância ocidental continua a agravar-se e que, antes do fim da presente década, não só a China ultrapassará os Estados Unidos como a principal economia do planeta, mas também a Índia ultrapassará o Reino Unido como o terceiro estado mais produtivo.³ Em suma, o Ocidente, que tinha vindo a fornecer a locomotiva que conduzia o crescimento económico mundial, enquanto o resto do mundo atrelava as carruagens do comboio, é agora a entidade secundária da economia global, pois os países do resto do mundo, liderados pela China e pela Índia, passaram a fornecer a locomotiva do desenvolvimento, cabendo agora aos Estados Unidos e à Europa atrelar as suas carruagens a um motor que já não dominam.

Em teoria, este ajuste parece relativamente fácil de fazer, pois até inícios do século XIX, mais especificamente até à Primeira Revolução Industrial, as duas maiores economias do mundo tinham sido sempre a da China e a da Índia.⁴ Só a partir de então é que a Europa começou a assumir a dianteira, seguida pelos Estados Unidos.⁵ Por isso, visto contra o pano de fundo dos últimos dois mil anos de História, os derradeiros duzentos anos de

³ The Centre for Economic and Business Research Annual Report (2020).

⁴ Ver, por exemplo: CLIFFORD, Paul (2017), *The China Paradox: At the Frontline of Economic Transformation*, Nova Iorque, NI: DE|G Press; WINTER, Alan (2007), *Dancing With Giants: China, India and the World Economy*, Nova Iorque, NI: World Bank Publications.

⁵ Ver, por exemplo: ALLEN, Robert (2017), *The Industrial Revolution*, Oxford: Oxford University Press; DEANE, Phyllis (2010), *The First Industrial Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press; GRIFFIN, Emma (2014), *A People's History of the Industrial Revolution*, New Haven, CT: Yale University Press.

sobredesempenho do Ocidente em relação às outras civilizações é uma pura anomalia, a qual teria, um dia, de extinguir-se normalmente.⁶ É exactamente isso que está a acontecer neste momento, sendo um simples sinal do fluir dos tempos o facto de o Ocidente precisar de aprender a partilhar, ou mesmo a abandonar, a posição que ocupou ao leme da História durante duas centúrias, adaptando-se a um mundo que já não conseguirá dominar da forma como tinha vindo a fazer.⁷

Essa transição tem tudo a beneficiar do facto de que, em termos objectivos, a vida no mundo nunca foi melhor. Por exemplo, a violência registou uma queda acentuada, diminuindo a um ritmo contínuo desde meados do século xx. Aliás, de acordo com os Relatórios de Segurança Humana da Organização das Nações Unidas, o número de mortes em combates resultantes de guerras entre países passou de quase setenta mil, na década de 1950, para menos de duas mil, nesta década. Analogamente, a pobreza extrema, que atingia três quartas partes do mundo, na década de 1950, baixou para cerca de quarenta por cento, na década de 1980, e, em 2016, afectava (apenas, mas ainda) cerca de dez por cento da população mundial. Também no que toca à literacia, enquanto na década de 1800 existiam apenas cento e vinte milhões de pessoas no mundo que sabiam ler e escrever, hoje em dia, mais de seis mil milhões de indivíduos possuem essas aptidões. Em suma, será como aponta Johan Norberg, do Instituto Cato: «Se alguém nos tivesse dito, em 1990, que,

⁶ Ver, por exemplo: HOBSON, John (2020), *Multicultural Origins of the Global Economy: Beyond the Western-Centric Approach*, Cambridge: Cambridge University Press; WOOLDRIDGE, Adrian (2020), *The Wake-Up Call: Why the Pandemic Has Exposed the Weakness of the West*, Londres: Short Books.

⁷ Ver, por exemplo: PATERSON, Stewart (2018), *China, Trade and Power: Why the West's Economic Engagement has Failed*, Londres: London Publishing Partnership; STUENKEL, Oliver (2016), *Post-Western World: How Emerging Powers are Remaking Global Order*, Milton, Queensland: Polity Press.

trinta anos mais tarde, a fome no planeta teria sido reduzida quarenta por cento, que a mortalidade infantil cairia para metade e que a pobreza extrema diminuiria três quartos, teríamos dito a essa pessoa que ele não passava de um pateta ingénuo. Todavia, os patetas ingénuos estavam certos, pois foi exactamente isso que aconteceu.»⁸

Apesar de, mais recentemente, os povos ocidentais se terem vindo a debater com algum pessimismo interno, fruto de aspectos como, por exemplo, o declínio da sua parcela na economia mundial, a estagnação de muitos dos rendimentos da classe trabalhadora americana e europeia, e até a perda de alguns empregos, incluindo qualificados, para outras nações em desenvolvimento, a verdade é que, fora do bloco ocidental, temos testemunhado o espoletar de um novo amanhecer, provocado, entre outros factores, pela partilha, com o resto do mundo, do Saber e do Conhecimento acumulados no Ocidente.⁹ Só por si, a consciência de tal facto histórico deveria dar aos povos ocidentais uma renovada confiança na sua própria capacidade de proceder a uma reavaliação perspicaz da nova ordem mundial e encontrar novas oportunidades para as suas indústrias e para os seus cidadãos. Porém, em vez de conceber uma estratégia para lidar com esta nova situação e manter, mesmo assim, uma presença económica e diplomática forte no mundo, o Ocidente tem agido de forma errática e perigosa, atacando o Iraque, bombardeando a Síria, agravando o relacionamento com a Rússia, complexificando a sua reputação no continente africano,

⁸ MAHBUBANI, Kishore (2018), *A Queda do Ocidente?*, Lisboa: Bertrand Editora, p. 20.

⁹ Ver, por exemplo: HOPKINS, A. G. (2018), *American Empire: A Global History*, Princeton, NJ: Princeton University Press; IMMERSWAHR, Daniel (2020), *How to Hide and Empire: A Short Story of the Greater United States*, Londres: Vintage; ROSENBERG, Emily (2011), *Spreading the American Dream: American Economic and Cultural Expansion*, Nova Iorque, NI: Hill & Wang.

deteriorando a sua imagem no continente sul-americano, provocando a China, subestimando a urgência das questões ambientais, sabotando o funcionamento da Organização das Nações Unidas e gerando um desnecessário clima de agitação, suspeita e descontentamento à escala global.¹⁰

O argumento central deste trabalho é que existe uma alternativa melhor ao Ocidente, a qual é facilmente perceptível se os responsáveis pela definição e execução das políticas externas americanas e europeias procederem a uma avaliação objectiva, cuidadosa, séria e abrangente de como a posição estratégica e os interesses políticos do Ocidente mudaram, aliada a uma noção realista implacável sobre o rumo que americanos e europeus devem assumir se quiserem manter alguma relevância perante uma China e uma Índia que já estão a voltar a assumir o papel económico dominante que desempenharam durante grande parte da História da Humanidade.

Como observador de fenómenos sociais, tenho aprendido que nada prejudica mais o espírito humano do que a sensação de impotência, incerteza e receio ante o futuro, sentimentos que são hoje partilhados por muitos, no Ocidente, perante um mundo muito diferente daquele em que cresceram e no qual pensaram que iam viver. Já como estudante de Ciência Política, tenho aprendido que não existe processo mais difícil de tratar, nem mais duvidoso de conseguir, nem mais perigoso de lidar do que a introdução de novas ordens políticas mundiais.¹¹ Estou, por isso, ciente da complexidade e da exigência da tarefa que hoje recai sobre os ombros

¹⁰ Ver, por exemplo: CUNLIFEE, Philip (2020), *Cosmopolitan Dystopia: International Intervention and the Failure of the West*, Manchester: Manchester University Press; MULAN, Phil (2020), *Beyond Confrontation: Globalists, Nationalists and Their Discontents*, Bingley: Emerald Publishing.

¹¹ MAQUIAVEL, Nicolau (2021), *O Príncipe*, Londres: Penguin Books, Capítulo VI.

da civilização que dominou a Era Contemporânea e que errónea e levemente considerou que o seu apogeu seria eterno.

Estamos, sem dúvida, perante um ponto de viragem histórico, sendo claro que da capacidade ocidental para encontrar o seu novo lugar e a sua nova voz nesse novo mundo, já em marcha, dependerá muita da fortuna de todas as gerações que habitarão a Europa e a América do Norte nos séculos vindouros. Porque «difícil» não tem de significar «impossível» e porque cabe a cada um de nós debruçar-se, dentro das suas capacidades e aptidões, sobre este inevitável tema, aqui deixo um humilde contributo para um futuro que queremos de prosperidade e paz, não só para os ocidentais, mas também para todos os povos do mundo.